



## CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA Cinemateca Júnior

# SHANE / 1953

(Shane)

Um filme de GEORGE STEVENS

**Realização:** George Stevens / **Argumento:** A.B. Guthrie Jr, com diálogo adicional por Jack Sher, segundo a novela de Jack Schaefer / **Fotografia:** Loyal Griggs / **Montagem:** William Hornbeck, Tom McAdoo / **Música:** Victor Young / **Som:** Harry Lindgran, Gene Garwin / **Direcção Artística:** Hal Pereira, Walter Tyler / **Efeitos Especiais:** Gordon Jennings / **Figurinos:** Edith Head / **Conselheiro Técnico:** Joe DeYong / **Intérpretes:** Alan Ladd (Shane), Jean Arthur (Marion Starrett), Van Heflin (Joe Starrett), Brandon De Wilde (Joey), JACK PALANCE (Wilson), Ben Johnson (Chris), Edgar Buchanan (Lewis), Emile Meyer (Ryker), Elisha Cook Jr (Torrey), Douglas Spencer (Shipstead), John Dierkes (Morgan), Ellen Corby (Mrs. Torrey), Paul McVey (Grafton), John Miller (Atkey), Edith Evanson (Mrs. Shipstead), Leonard Strong (Wright), Ray Spiker (Johnson), Janice Carroll (Susan Lewis), Martin Mason (Howells), Helen Brown (Mrs. Lewis), Nancy Kulp (Mrs. Howells), George Lewis, Jack Sterling, Henry Wills, Rex Moore, Ewing Brown (homens de Ryker), Charles Quirk.

**Produção:** George Stevens, para a Paramount / **Produtor Associado:** Ivan Moffat / **Cópia:** digital, colorida por Technicolor, legendada electronicamente em português / **Duração:** 115 minutos / **Estreia Mundial:** Abril de 1953 / **Estreia em Portugal:** Monumental, em 1 de Janeiro de 1954 / **Reposições:** Condes na década de 60; Berna, em 23 de Junho de 1971.



**Shane** é um dos mais célebres westerns que se fizeram. Juntamente com **High Noon** foi o que trouxe a faceta “respeitável” que tanto agrada a uma certa camada intelectual americana. Mas o que se passa com os dois é que esse objectivo é por demais transparente, manifestando uma necessidade de “auto-análise” sobre os seus significados “políticos” (o filme de Zinnemann) e “míticos” (o de Stevens), para ascender a outro estatuto saindo da simples referência popular. Mas ao tomarem este caminho acabaram a pouco e pouco por “negarem” as suas origens (que são exclusivamente populares) e com isso perderem o que de mais legítimo e “natural” possuíam.

**Shane** foi também o mais popular dos filmes de George Stevens. Há quem o considere a sua obra-prima, o que é sobremodo excessivo, tanto como filme, tanto como western, e mesmo na carreira do realizador. Neste último caso é bem mais interessante o filme anterior, **A Place in the Sun**. Nos restantes o que tem de facto de notável é o aproveitamento dos exteriores. Deste ponto de vista

**Shane** representa, salvo erro, uma mudança de tom com a paisagem clássica do western até aí confinada ao tradicional sudoeste e às regiões áridas do interior. A acção do filme tem por cenário os húmidos vales do Wyoming que a partir de então se tornarão paisagem mais frequente no western (De qualquer modo deve-se destacar que esta busca de uma paisagem “diferente” começou antes, e de forma bem mais conseguida, porque é mais do que “paisagística”, com Anthony Mann, a partir de **Bend of the River** e **The Naked Spur**). Mas o êxito desta mudança de cenário tem muito a ver com a fabulosa fotografia de Lloyal Griggs muito justamente premiada com um Oscar (infelizmente o estado da cópia, no formato de 16mm, não permite apreciar na íntegra a deslumbrante beleza desses cenários). Curiosamente a música, que se tornaria popularíssima sendo um dos factores principais no triunfo popular do filme não teve sequer uma nomeação para os Oscars. **Shane** foi nomeado, sim, mas, além da de fotografia que seria a única a conquistar, para as categorias de melhor filme, argumento, realização e interpretação secundária masculina (JACK PALANCE e o estreante Brandon de Wilde). Mas é nesta última que se encontra uma das qualidades mais evidentes do filme, a direcção de actores, onde, aliás, Stevens foi sempre mestre. Em quase todos os seus filmes os actores tiveram nomeações e muitas vezes também a vitória, graças a uma direcção segura que tirava deles o melhor que tinham (mesmo Rock Hudson, mais uma “presença” do que um “actor”, foi nomeado para o Oscar pelo seu trabalho em **Giant**). O que neste caso nos surge como admirável em **Shane** é que praticamente todos os personagens, principais, secundários e mesmo simples figurantes, parecem estar (estão) exactamente no seu “lugar”, “são” exactamente aquilo que representam. E isto diz tanto respeito às personagens “reais” (de “carne e osso”) isto é, aquelas que representam as pessoas “normais”, como às personagens “míticas” que são os dois pistoleiros, Shane e Wilson. A habilidade de Stevens neste campo terá sido, antes de mais, de utilizar actores quase de segundo plano, impedindo que o seu peso “apague” o da personagem. Pelo contrário, o que aqui aconteceu foi o inverso. As personagens “marcaram” os seus intérpretes para o resto das suas carreiras. Para alguns terá sido mesmo o “filme da sua vida”. Está neste caso Alan Ladd que se tinha sido uma vedeta popularíssima na década de 40 no filme “negro” e policial, estava em franca decadência sendo **Shane** o papel que lhe serviu de segundo fôlego que com frequência tentou repetir. Mesmo Jean Arthur terá tido melhores papéis na sua carreira (e teve) mas nenhum tão “significativo” como este, que foi exactamente o que “escolheu” para o último da sua carreira cinematográfica. O jovem Brandon de Wilde, prematuramente falecido, jamais encontrou outro papel semelhante. O facto, como dissemos, de usar actores de segundo plano favoreceu também o filme na medida em que a história pode com mais facilidade destacar determinadas características que ficariam na sombra com outras vedetas. Em particular a questão de “classe”. Na verdade, **Shane** é um dos raros westerns que até então encena o confronto entre criadores de gado e cultivadores de uma perspectiva “social”. Se o tema lembra o de **Duel in the Sun** ou um **Sea of Grass** a posição é algo diferente. Enquanto nos filmes de Vidor e Kazan o conflito social fica secundarizado perante as paixões humanas e os conflitos pessoais (apoiados no peso dos actores que se confrontam), em **Shane** é o conflito pela posse da terra que toma a primazia. Tanto os que a querem livre para o gado, como os que a querem dividida para a cultura surgem como “blocos”, isto é, como “forças sociais” que se enfrentam. Jamais um dos “chefes” surge exprimindo a sua “vontade” pessoal isolado num plano, e sempre integrado num “grupo”, quer o domine (Ryker), quer seja o seu representante (Starret), o primeiro dentro do bar ou à frente dos cavaleiros, o segundo nas reuniões dos lavradores e no baile. Deste ponto de vista, **Shane** pode mesmo ser visto como um western “de esquerda” (se o termo é passível de uso) de que um outro exemplo é **Heaven’s Gate** de Michael Cimino.

As coisas só tomam uma característica diferente com a entrada em cena de Wilson (JACK PALANCE). Até aí, mesmo Shane, figura “mítica” por excelência (veja-se a influência que tem em Joey, o filho de Starret) parece integrar-se na comunidade. De certo modo é esse o objectivo que ele procura (como o Wyatt Earp de **My Darling Clementine**), e a “prova de fogo” é o “combate” que trava, braço a braço com Starret, contra o gigantesco tronco de árvore enraizado na terra. É quando chega Wilson que Shane compreende que ele não tem lugar ali. Vá para onde for, o passado virá atrás dele. O duelo que o opõe a Wilson será certidão de óbito de um modo de vida. A civilização chegou e com ela uma organização e divisão social que empurra a “fronteira” para mais longe, para o horizonte onde Shane vai procurar refúgio e o lugar onde se se guardam as reminiscências infantis: o mito do pistoleiro e o olhar de Joey.